

## **ENSINAR ARTES OU REPRODUZIR PADRÕES?** Keila Santos Pinto, Amanda da Silva Lopes, Maria Isabel Nogueira Tuppy., - Humanas - Pedagogia - Departamento de Educação - Instituto de Biociências - Campus de Rio Claro.

O presente trabalho caracteriza-se por alinhar as propostas teóricas sobre o Ensino das Artes nas instituições escolares à sua prática no nível fundamental. Investigar o Ensino das Artes no Brasil, por meio de variadas leituras, nos proporcionou a oportunidade de estar em contato com diferentes propostas pedagógicas que permearam sua trajetória educativa e histórica e, posteriormente, nos proporcionou também a possibilidade de elaborar uma proposta que nos levasse a experimentar a prática desse ensino, junto à disciplina Prática de Ensino no Ensino Fundamental.

Trabalhar com a disciplina de artes dentro da escola permitiu adequar o nosso conhecimento teórico à prática educativa, aplicando-o a diversas formas que compõem a expressão artística (música, dança, teatro e artes plásticas), desenvolvendo todo o trabalho nos âmbitos da “abordagem triangular”: produção, apreciação e contextualização histórica da arte, que permitem o aprendizado das artes de forma ampla, conforme indica Barbosa (1990, 1994, 1999, 2002).

Ao analisar as leituras sobre o Ensino das Artes, percebemos seu grande crescimento a partir da década de 1980, sob uma perspectiva de comprometimento com as mudanças sociais. A partir desse período, a produção teórica aponta para uma tentativa de constituir um ensino democrático, isto é, assumindo o compromisso de ampliar o acesso da maioria da população ao conhecimento sobre as artes, através da educação de qualidade, algo não alcançado até hoje. Os documentos elaborados nesse período para o ensino das artes contaram com a participação de muitas pessoas ligadas diretamente com esse ensino de artes. Foi um período de retomada de movimentos de arte-educadores, que lutaram pela inclusão da obrigatoriedade do ensino de Artes na escola.

A discussão fomentada por essa produção teórica trouxe para esse campo da educação perspectivas até então desconsideradas, incluindo a observância das diversas necessidades dos alunos, como psicológicas, sociais, econômicas e culturais, trazendo para esses sujeitos um conhecimento crítico do mundo e da sua própria realidade.

Nossa experiência consistiu na preparação e oferecimento de aulas de artes aos alunos de duas classes de 1ª, 2ª, 3ª e 4ª séries de uma escola municipal de Rio Claro. Essas aulas foram pautadas nos PCN's de arte, porém nos preocupamos em articular aquelas propostas à realidade dos alunos, sempre estando atentas ao propósito de ministrar aulas de artes que trouxessem algo significativo aos alunos. Para tanto, procuramos fazer uma leitura crítica dos parâmetros curriculares, na intenção de desmistificar formas implícitas vigentes do poder.

No planejamento dessas aulas, buscamos traçar objetivos e metas que nos mostrassem, mesmo que de forma inicial, a possibilidade de formação que o ensino da arte traz aos alunos. Queríamos que o gosto pela arte fosse despertado nessas crianças e que elas tivessem a oportunidade de experimentar suas diversas formas, desenvolvendo neles a sensibilidade, a percepção e a imaginação. Para Eisner (1974), ao realizarem atividades artísticas as crianças desenvolvem auto-estima e autonomia, sentimento de empatia, capacidade de simbolizar, analisar e fazer julgamentos, tornam-se capazes de expressar melhor as idéias e sentimentos, compreendendo melhor as relações e de entender as artes como forma diferente de conhecer e interpretar o mundo.

O contato com a escola nos permitiu observar aspectos que são bastante explicitados nos estudos sobre o ensino das artes, como o interesse da escola por uma proposta que estivesse vinculada a alguma data comemorativa próxima e/ou que estivesse relacionada com as outras disciplinas escolares. Em contrapartida, nossa preocupação era a de levar aos alunos um ensino que lhes mostrassem a dimensão social das manifestações artísticas e suas implicações no conhecimento das diversidades culturais e na construção histórica do sujeito e da sociedade. Então, tentando conciliar nossos objetivos às expectativas da escola, levamos para a sala de aula a proposta de trabalhar com o folclore, como mecanismo de fortalecimento da cultura e identidade brasileiras. Nessa escola não havia um professor especialista na área e as aulas de artes eram desenvolvidas pelos próprios professores da sala. Embora houvesse a intenção,

por parte da escola, de desenvolver o planejamento de Artes duas vezes por semana, muitas vezes, essas aulas eram substituídas por aquelas consideradas “mais importantes”, conforme depoimento dos professores. Infelizmente, as escolas não estão acostumadas a trabalhar com questões que fogem ao conteúdo científico acumulado historicamente. A transmissão desse conteúdo, em geral, envolve somente aspectos racionais, e se distancia do desenvolvimento dos aspectos emocionais dos alunos, como se fosse possível separar no momento da aula esses dois aspectos.

Assumindo uma metodologia que nos permitisse sempre estar a par dos conhecimentos trazidos pelos alunos, propusemos uma temática conhecida pela maioria deles, possibilitando, assim, maior troca de informações sobre um tema conhecido e que está presente nas relações estabelecidas com o meio, no contexto familiar, social e midiático. Nosso intuito era o de trazer novas informações e vivências que possibilitassem uma ligação com os conhecimentos prévios dos alunos.

Em cinco aulas de uma hora cada, desenvolvemos o seguinte plano de aula: os alunos de 1ª e 2ª séries puderam ouvir uma música folclórica e caracterizar seus personagens, o ambiente e a época, e puderam através do desenho explicitar os episódios que mais lhe chamaram a atenção. Trabalhamos também com a confecção de máscaras, conforme as personagens escolhidas pelos alunos, feitas com diversos tipos de papéis e materiais para a pintura como guache, giz de cera e lápis de cor e por fim os alunos interpretaram a música, usando as máscaras e com o auxílio da dança. Os alunos da 3ª e 4ª séries conheceram algumas características de algumas personagens folclóricas através do que foi apresentado a eles, podendo assim imitá-los numa dinâmica com seus colegas, para que esses adivinhassem quais eram as personagens interpretadas com mímica. A etapa seguinte constituiu em escrever, em grupo, versos sobre as personagens folclóricas e construir a partir dos versos escritos em cada grupo uma letra de música que se encaixasse na melodia apresentada por nós e, ao terminar a música, os alunos puderam constituir uma dança.

Após o desenvolvimento do trabalho, nos diálogos estabelecidos com as professoras, conseguimos perceber que estão conscientes da contribuição que as aulas de arte dão à formação dos alunos, mas além de acreditarem que outros conteúdos são prioritários, elas alegam que o planejamento dessas aulas dão muito trabalho e que os alunos aproveitam essas aulas para bagunçar, o que pouco ocorreu no decorrer de nossas aulas. Realmente planejar e direcionar um ensino que contribua efetivamente para a formação do aluno depende de muito trabalho. Nele estão envolvidas a pesquisa, a seleção de materiais e a elaboração de objetivos, dentre outras tarefas imprescindíveis, mas entendemos que deve haver disposição para levar aos alunos conhecimentos que ampliem seu horizonte.

Essas atividades possibilitaram o exercício criativo e autônomo dos alunos, tornando-os agentes ativos no processo educativo, e isso só foi possível na medida em que fugimos da proposta tradicional do ensino de artes, pautada substancialmente no fazer mecânico, na cópia, nos desenhos mimeografados e estereotipados. Não queríamos reproduzir posições passivas e buscamos atuar como mediadores durante o processo de construção do conhecimento dos alunos. Além disso, como as aulas de artes já são bastante descaracterizadas e banalizadas, nos preocupamos em enfatizar sua importância e sua necessidade no contexto escolar.

Outro objetivo de nosso trabalho foi o de considerar que aprender arte é desenvolver progressivamente o percurso de criação, queríamos, mesmo com as poucas horas de contato com as crianças, proporcionar momentos de produção e aprendizagem, onde a emoção fosse utilizada, onde houvesse interações entre os sujeitos envolvidos na atividade. Queríamos que os alunos participassem com interesse e curiosidade, tornando o processo de aprendizagem mais fácil e significativo, e priorizamos as inúmeras perspectivas de aprendizagem pelo qual o aluno passa, sem a preocupação exclusiva com o produto final (tão valorizado pela escola), e que normalmente torna-se referência para a avaliação do aluno. Interessava-nos, muito mais o processo, o percurso, do que o seu resultado.

Tínhamos clareza que, com cinco horas de aula em cada turma, a proposta não teria condições de atingir objetivos mais amplos, como o de levar a um universo tão amplo do conhecimento que o ensino das artes pode proporcionar aos alunos. Porém, cremos ter estabelecido algumas bases para que os alunos comecem a construir o interesse pelas Artes, amenizando a visão reducionista tão comum em diversas escolas.

Ao imprimir às aulas de artes uma dinâmica diferenciada daquela normalmente utilizada, demonstramos para as crianças que todos os trabalhos possuem sua importância e que quanto mais tiverem contato com esses processos, mais ficarão satisfeitos com suas próximas realizações artísticas. Durante o desenvolvimento da proposta, percebemos que é fundamental saber o que os alunos aprendem quando trabalham com artes, porque é esse o conhecimento que confere segurança e excelência ao trabalho do professor, oferecendo a oportunidade de ele perceber as efetivas contribuições de seu trabalho no desenvolvimento dos alunos, conforme constata Ferreira (2001).

O contato com a escola foi muito importante para nossa formação, principalmente, porque pudemos observar as diversas condutas estabelecidas dentro da escola, e assim oportunizou-se a construção de nossa formação, estabelecendo princípios que nortearão nossa prática com educadoras compromissadas com a realização de um trabalho pedagógico que dissemine a qualidade do ensino, e constatamos, mais claramente, a importância do trabalho com o ensino das Artes, acreditando que cabe às instituições educativas difundir os conteúdos indissolivelmente ligados às realidades sociais que foram construídas ao longo da história, incluindo, entre elas, as manifestações artísticas e culturais, e considerando o aluno como sujeito histórico que vivencia, experimenta e aprende. Assim, nossa metodologia partiu de uma relação direta com a experiência do aluno, confrontando, portanto, o conhecimento instituído com o saber trazido pelos próprios alunos, procurando estabelecer uma relação pedagógica e dialógica entre o aluno e o professor e entre o saber reconhecido institucionalmente e o saber produzido informalmente.

Neste sentido, entendemos que a escola não deve se preocupar apenas em desenvolver o ensino das habilidades artísticas, o conhecimento exclusivo da área de Artes e/ou os valores estéticos, desvinculados de uma formação que esteja coadunada ao que se passa no contexto social. O propósito não é o de formar indivíduos com aptidões artísticas, embora isso possa também ocorrer, mas possibilitar um desenvolvimento geral da personalidade, por meio de atividades criativas, expressivas e sensibilizadoras, capazes de desenvolver o senso crítico do aluno e de torná-lo participante do processo educativo, colocando em pauta questões como diversidade cultural e formas de exclusão social.

Ao trabalhar com os personagens do folclore, constatamos o poder dessa perspectiva, ao perceber que alguns alunos disseram, por exemplo, que o saci deveria ser interpretado por um menino negro, ou que personagens femininos teriam que ser só interpretados por meninas. Sob tal enfoque relacionamos as diferentes histórias do folclore com a questão da moral e da construção de valores, pois em sua maioria essas histórias tentam definir padrões de comportamentos.

A realização desse trabalho concretizou-se com a satisfação dos alunos, ao perceberem que estavam conseguindo aprender de forma prazerosa, e a satisfação das professoras ao concluírem que o espaço cedido por elas estava sendo utilizado de forma adequada e enriquecedora, ou seja, houve uma avaliação positiva de que nossa proposta estava trazendo resultados educacionais e que nossas aulas não eram simplesmente divertimento e lazer. Nelas acontecia um processo de ensino, de aprendizagem e de desenvolvimento.

Não queremos aqui romantizar as aulas de Artes, mesmo porque, em certos momentos foi difícil motivar todos os alunos à participarem das atividades, ainda que a maioria dos alunos demonstrassem empolgação. Buscávamos explicação para a falta de interesse de alguns alunos e procurávamos estabelecer estratégias, nem sempre eficazes, pois o afastamento dos alunos das atividades propostas, muitas vezes, se dava por razões consolidadas cultural e historicamente, como a percepção de que tais atividades não exerciam qualquer influência na avaliação do desempenho escolar (“não valia pra nota”), ou porque o sentimento de sua “incapacidade” o deixava inseguro e envergonhado.

Além dessas questões, sabíamos da complicação que essas aulas poderiam trazer, pois os alunos, acostumados com uma prática mais “livresca”, e com o controle sobre o corpo, queriam aproveitar esse tempo, como se fosse o único momento que pudessem fazer o que era proibido na escola: conversar, levantar na carteira, fazer barulho. Os próprios colegas sentiram-se incomodados com algumas atitudes, como na hora de cantar: enquanto uns cantavam tão baixo que pouco dava para escutar, outros gritavam, e tínhamos que diferenciar o que era “graça” e o que realmente era feito ingenuamente, para podermos mediar a situação. Ficou claro, que mesmo numa proposta que implica em maior liberdade do corpo, os alunos precisam respeitar certos limites, principalmente para que a atividade possa ser realizada.

Nesse trabalho, consideramos também a imensa relação que a Arte pode ter com os conteúdos de outras matérias curriculares, introduzindo a possibilidade do trabalho interdisciplinar, porém sempre tivemos a preocupação de não subordinar nosso objetivo ao das outras disciplinas.

A realização desse trabalho nos chamou a atenção para a necessidade de mudanças na formação do professor do Ensino Fundamental, visando à melhoria da qualidade do processo educativo, principalmente na compreensão da importância do ensino de Artes como forma de ampliar o acesso dos alunos à produção, apreciação e contextualização da produção artística e cultural, e, neste sentido, também como forma de apreender e compreender um outro mecanismo de participação social.

### **Referências Bibliográficas**

BARBOSA, Ana Mae T. B. & Sales, Heloisa M. (org). *O ensino da arte e sua História*, São Paulo: Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, 1990.

BARBOSA, Ana Mae T. B. (org). *Arte-Educação: Leitura no subsolo*, São Paulo: Cortez, 1999.

\_\_\_\_\_. *Arte educação no Brasil*, São Paulo: Perspectiva, 2002.

\_\_\_\_\_. *A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos*. São Paulo e Porto Alegre: Perspectiva e Ichope, 1994.

BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: arte*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

EISNER, Elliot W. *Art education*. Londres, 1974.

FERREIRA, Sueli (org.). *O ensino das artes: construindo caminhos*. Campinas, SP: Papirus, 2001. (Coleção Ágere).

IAVELBERG, Rosa. *Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

PILLAR, Analice Dutra (org). *A educação do olhar no ensino das artes*, Porto Alegre: Mediação, 1995.

OSINKI, Dulce. *Arte, História e Ensino - uma trajetória*, São Paulo, Cortez: 2001.

SAVIANI, Demerval. *Pedagogia histórico-crítica*. São Paulo: Editores associados/Cortez, 1991.

Bolsa: PAE